

# QUANDO O AMOR AMARRA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AFETIVAS E A CARREIRA CIENTÍFICA

---

Betina Stefanello Lima

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

E-mail: betinastefanello@gmail.com

**Resumo:** A proposta deste artigo é analisar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, segundo a óptica das relações de gênero, em conciliar as exigências da carreira científica e as das relações amorosas e familiares. A análise é resultado da pesquisa desenvolvida durante o mestrado por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com bolsistas de Produtividade em Pesquisa em Física no Brasil e observação participante em uma das edições da Internacional Conference on Women on Physics.

**Palavras-Chave:** carreira científica, mulheres, gênero, amor.

**Abstract:** This article presents an analysis of some difficulties faced by women, according to the perspective of gender relations in reconciling the demands of the scientific career, relationships and family. The analysis is the result of research carried out during Masters by conducting semi-structured interviews with grantees in Physics Research Productivity in Brazil and participant observation at the event: "Second IUPAP International Conference on Women on Physics."

**Keywords:** scientific career, women, gender, love.

A proposta deste artigo é analisar como as relações afetivo-amorosas, segundo a óptica da feminização do amor,<sup>1</sup> podem representar obstáculos à ascensão na carreira científica das mulheres. As reflexões apresentadas resultam das informações coletadas no trabalho de campo feito no mestrado e que foram utilizadas para elaboração de parte da minha dissertação intitulada: “Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências”, defendida no departamento de História da Universidade de Brasília (UnB).

A pesquisa foi realizada por meio de dezenove (19) entrevistas semiestruturadas com bolsistas de Produtividade em Pesquisa, da área da Física, em diferentes regiões do Brasil e da observação participante no congresso: *Second Iupap<sup>2</sup> International Conference on Women on Physics*.<sup>3</sup>

O interesse em pesquisar a carreira científica das mulheres foi despertado a partir da análise dos dados das bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Esses dados apontam que mesmo em carreiras consideradas femininas (por exemplo, na área de nutrição), as mulheres são minoria em posições de maior prestígio, tais como, nos níveis da bolsa PQ 1A e 1B.<sup>4</sup> O percentual da participação das mulheres, em todas as áreas do conhecimento, em todos os níveis da bolsa PQ, entre o período de 2001–2011, variou de 32,1% a 35,3%.

A bolsa de Produtividade em Pesquisa é concedida, segundo sua definição,<sup>5</sup> para pesquisadores de reconhecida competência. Portanto, a bolsa é um indicativo de reconhecimento pelos pares na carreira como também é um importante capital científico que atrai mais recursos – simbólicos e materiais.<sup>6</sup> Escolhi realizar a pesquisa de campo na área da Física porque as próprias pesquisadoras já buscavam o entendimento tanto sobre o pequeno número de mulheres na área (exclusão horizontal) quanto sobre sua

---

<sup>1</sup> Cancian: 1986.

<sup>2</sup> A sigla Iupap significa: International Union of Pure and Applied Physics.

<sup>3</sup> Este congresso foi realizado no Rio de Janeiro em 2005. Trata-se de um dos primeiros eventos para refletir sobre a pequena participação das mulheres na Física. A página do evento pode ser acessada pelo endereço: <http://www.cbpf.br/~women-physics/>

<sup>4</sup> Os dados sobre as bolsas por sexo foram coletados na página do CNPq, no endereço: <http://www.cnpq.br/web/guest/series-historicas>. Acesso em: maio de 2012.

<sup>5</sup> Segundo o conteúdo divulgado na página: “Destinada a pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos”. Fonte: <http://www.cnpq.br/web/guest/bolsas2>. Acesso em: maio de 2012.

<sup>6</sup> A bolsa de Produtividade em Pesquisa funciona como um requisito para a candidatura em alguns editais como critério de prioridade para o recebimento de determinadas bolsas, a exemplo das bolsas de Iniciação Científica.

baixa representatividade nas posições de prestígio (exclusão vertical).<sup>7</sup> O percentual de participação das mulheres na grande área de Ciências Exatas e da Terra, em todas as modalidades e níveis de bolsa (país e exterior), entre 2001–2011, não ultrapassou 36%.

Assim, buscar a compreensão sobre as relações que condicionam o que chamei de *inclusão subalterna* foi o principal objetivo da pesquisa. O termo *inclusão subalterna* – diferentemente da palavra exclusão – tem por objetivo visibilizar que já existe uma participação das mulheres nas ciências, no entanto, esta participação ainda não é ampla em algumas áreas e ainda não é significativa em posições de poder.

Sobre as entrevistas realizadas, é necessário destacar que foi preciso manter o anonimato das entrevistadas, uma vez que essa foi a condição da concessão da entrevista. O número de mulheres bolsistas de Produtividade em Pesquisa em Física é pequeno; assim, indicadores como idade, subárea de conhecimento, região não foram divulgadas porque facilmente poderiam induzir à identificação da entrevistada, em especial, para quem pertence a área. No entanto, é importante pontuar que a maioria das pesquisadoras pode ser enquadrada como branca e heterossexual. Não houve perguntas diretamente relacionadas às questões de sexualidade, mas no transcurso das entrevistas, elas falaram de companheiros (maridos, namorados...) e de filhos biológicos o que pressupõe que se referiam a relações heterossexuais.

## **Sobre Amor, Gênero e Carreira**

Quais são os códigos do amor do “nosso tempo”? Vivemos o paradigma do amor romântico? As relações amorosas são engendradas? O discurso amoroso pode funcionar como dispositivo de poder? Como as relações amorosas podem interferir na carreira das cientistas? O amor<sup>8</sup> é concebido como uma forma pura de sentimento, única para cada pessoa e ao mesmo tempo como uma essência imutável e etérea que transpõe classes, raças, possibilidades históricas. Perceber as concepções históricas e culturais do amor tem sido tarefa para alguns teóricos(as) do tema em diferentes vertentes disciplinares.

---

<sup>7</sup> Rossiter apud Schiebinger, 2001.

<sup>8</sup> É importante ressaltar que grande parte da literatura ainda se refere ao amor heterossexual, a exemplo dos autores citados neste artigo.

Mac Farlane (1987) lembra que o amor como base para o casamento é um elemento central nas sociedades modernas e industriais. Ele enfatiza que a associação entre amor e casamento não é nem universal e tampouco automática. O amor romântico e o casamento por amor devem ser vistos como uma instituição cultural. O autor se propõe a refletir sobre os elementos sociais e culturais que, em um determinado momento e em algumas sociedades, tornou possível a combinação entre casamento e amor. Ele concentrará suas análises na Inglaterra. Suas referências enumeram como possibilidades para essa combinação: o crescimento do individualismo e a liberdade de escolha inerentes ao modo de produção capitalista, a redução da mortalidade e o aumento da expectativa de vida, a influência do cristianismo na difusão de valores como monogamia, castidade, dentre outros. A principal tese defendida pelo teórico é a de que os valores e condições advindas do capitalismo são fundamentais para a construção da combinação entre amor e casamento.

Jordi Girona (2008) contextualiza que o amor romântico torna-se a base do matrimônio em oposição ao casamento por interesse. Enquanto o matrimônio por interesse tem por princípio fundamental a igualdade – aqui entendido como mesmo *status* social – o matrimônio por amor prima pela liberdade de escolha. Essa mudança de valores é indissociável aos princípios orientadores da sociedade moderna, industrializada e “ocidental”: mudança da escolha da família para o indivíduo; liberdade de escolha...

O amor romântico supõe uma única possibilidade de par como se o indivíduo fosse repartido ao meio (metade da laranja) e houvesse uma única pessoa capaz de torná-lo(a) completo(a) novamente; essa completude pressupõe complementariedade e harmonia, a união das metades é paradisíaca e eterna, qualquer sacrifício é válido para tamanha felicidade. O autor apresenta alguns modelos de explicação sobre o matrimônio e relações afetivas, uma das tipologias é a do matrimônio institucional. Para esse modelo, o matrimônio por amor, baseado na liberdade e complementariedade, casa com o novo modelo de gênero surgido com o triunfo da industrialização e a emergência da classe burguesa como classe social dominante:

Esse modelo, com efeito, está baseado em uma nítida e perfeita separação das esferas de atuação e responsabilidade associadas a um e outro sexo: a da privacidade, domesticidade e reprodução para a mulher; e a do público, extradoméstico e produtivo para o homem – com o ideal de provedor e de autoridade no horizonte.<sup>9</sup> (Girona, 2008: 16)

<sup>9</sup> Tradução livre.

A expansão do matrimônio tradicional, com a rígida separação de papéis de gênero, constituiu-se no principal referente ao longo do século XX. A separação das esferas,<sup>10</sup> foi superada pelas mulheres, de forma não linear, na conquista dos espaços públicos (como por exemplo: o acesso à educação formal). A transição das esferas não significou uma reordenação radical dos papéis de gênero, uma vez que o maior ingresso nas atividades da esfera pública não significou abdicação das tarefas do espaço privado. A superposição de atividades dos espaços privado e profissional por parte das mulheres e o não compartilhamento das tarefas do espaço privado pelos homens significaram uma carga adicional na trajetória feminina. Trata-se do que ficou conhecido como divisão sexual do trabalho.<sup>11</sup> Conforme Hirata e Kergoat (2007) destacam que esta divisão possui dois princípios: o da separação do trabalho por sexo (trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o da hierarquia (um trabalho de homem é mais valorizado do que um trabalho de uma mulher). Assim, a divisão sexual do trabalho configura-se em um dos fundamentais obstáculos presentes no percurso acadêmico das mulheres cientistas.

Viviana Zelizer (2009) aponta que a análise sobre a associação entre transações econômicas e relações de intimidade podem ser agrupadas em duas grandes vertentes. A primeira corrente chamada de “*nada mais que*” que interpreta, de forma reducionista, que as relações amorosas não são mais do que um produto do mercado. E a segunda corrente que concebe as relações amorosas e econômicas como “*esferas separadas*”.<sup>12</sup> A autora, por meio da análise de decisões jurídicas que envolviam intimidade<sup>13</sup> e transações econômicas, propõe uma terceira possibilidade: “*vidas conectadas*”. Por meio desse conceito, a autora propõe uma visão integrada entre mercado e relações de intimidade. A economia, nessa perspectiva, possui um papel central, mas não contamina as relações de intimidade, nem retira suas características peculiares. O trabalho relacional, ou

---

<sup>10</sup> Esta separação não pode ser vista como homogênea e nem universal, mas, tendo isso em conta, é possível visualizar a separação das esferas como um “modelo” de explicação.

<sup>11</sup> Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007: 599): “A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)”

<sup>12</sup> Também conhecida como mundos hostis em que os pontos de intersecção entre a “esfera” da intimidade e a “esfera” do mercado são vistos como contaminados. A intimidade é vista como tendo o potencial de corromper as relações comerciais e as relações de mercado com o potencial de contaminar as relações de intimidade.

<sup>13</sup> A intimidade é conceituada pela autora como relações de confiança que implicam em privilégio específicos de conhecimento e atenção não acessíveis a terceiros.

seja, a negociação sobre como combinar as transações econômicas e de intimidade, é pressuposto das relações entre as pessoas. As combinações nem sempre funcionam bem e suas regras se modificam ao longo da história e do contexto sociocultural.

A percepção do mercado e das relações de intimidade como esferas separadas contribui, segundo Zelizer, para atitudes discriminatórias nos ambientes de trabalho para quem exerce o papel de cuidador. Quando, por exemplo, ocorre ao trabalhador(a) faltar em função de uma doença dos filhos. Essa discriminação é dirigida principalmente às mulheres que ainda exercem, segundo a divisão sexual do trabalho, os papéis de cuidadoras (de filhos pequenos, de doentes da família, de pais idosos...).

O teto de vidro é uma das metáforas que representa a barreira invisível que impede o alcance de postos mais altos na carreira pelas mulheres. Essa invisibilidade refere-se à não existência de obstáculos formais ou jurídicos. Logo que comecei a pesquisar as trajetórias acadêmicas das cientistas, compreendi que não se tratava de uma barreira ao final da carreira como a imagem do teto pressupõe, mas de múltiplos obstáculos, de diversos níveis, dispostos ao longo da carreira. O *labirinto de cristal*<sup>14</sup> representa essa trajetória tortuosa e cheia de obstáculos, específica das mulheres em função do gênero. As armadilhas do labirinto são responsáveis tanto pela lentidão ao alcançar prestígio profissional pelas cientistas quanto por resultar na sua desistência em relação a uma determinada área de atuação ou carreira.

Nesse labirinto, a maternidade pensada a partir da divisão sexual do trabalho é um dos obstáculos mais conhecidos. Não esperava me deparar com o casamento e as relações amorosas como empecilhos para ascensão na carreira.

“Ser mulher já é ser diferenciada, está certo? Então, você é forçada a fazer algumas escolhas que são muito violentas como dizer: não vou casar, vou ser cientista. Elza”.

Na fala de Elza, ser cientista e ser casada são escolhas excludentes. Apesar de ser casada e ser uma cientista de destaque, Elza considera que

---

<sup>14</sup> Em 2005, ainda na especialização em antropologia, propus esse conceito no trabalho final do curso e o aprofundei durante o mestrado. Encontrei uma matéria sobre o Glass Labyrinth (<http://www.management-issues.com/2007/10/15/research/glass-labyrinth--not-glass-ceiling.asp>, acessado em: maio de 2012) referente ao livro publicado em 2007, *Through the Labyrinth: The Truth About How Women Become Leaders*, das autoras Alice Eagly and Linda Carli que também propõem, ao que o título indica, a concepção do labirinto de cristal em contraposição ao teto de vidro para elucidar as barreiras na ascensão profissional das mulheres.

sua carreira foi lenta e que poderia ter chegado a algumas posições almeçadas se não fosse o casamento. Este “contrato”, construído a partir de expectativas sobre a complementaridade dos sexos, aloca para o sexo feminino não só a gestão do lar, o cuidado com os filhos como também a manutenção da própria relação amorosa.

Francesca Cancian aponta como o amor é visto de forma feminizada, ou seja, que os atributos associados ao amor são tidos como femininos – expressão das emoções, cordialidade, cuidado são alguns exemplos. Essa feminização do amor contribuiu para a não percepção das formas pelas quais os homens expressam afeto tais como pelo desejo sexual ou por gestos de companheirismo. Nesse código, há uma série de expectativas e formações que respondem à lógica binária do gênero: amor instrumental<sup>15</sup> para os homens, que devem prover a família materialmente e amor expressivo para as mulheres, responsáveis pela gestão do sentimento. Segundo Mary Ryan, citada por Cancian, a separação da casa e do ambiente de trabalho no século XIX polarizou os papéis de gênero e feminizou o amor.

Cancian aborda algumas das consequências negativas sobre a feminização do amor tais como: o empoderamento masculino por enfatizar a dependência feminina no amor, a invisibilidade da dependência e a necessidade de amor masculinas, a significação de sexo como meio de poder masculino, a dificuldade de entendimento entre os casais, a legitimação de relações de exploração no trabalho, uma vez que a lógica das esferas separadas aloca o afetivo para o privado e o pessoal para o público.

## Efeito Camille Claudel

A partir da discussão apresentada por Cancian, proponho que a feminização do amor tornou as mulheres as principais responsáveis pela sua manutenção. Nesta perspectiva, uma vez estabelecidas as relações amorosas, as mulheres se tornam os pilares do amor e também da família. Assim, para as mulheres, o investimento na carreira e nas relações afetivas são construídas como excludentes. A manutenção da relação<sup>16</sup> amorosa torna-se um fardo para a ascensão na carreira.

<sup>15</sup> Cancian (1986: 697) cita teoria de Talcott Parsons sobre a divisão do amor entre expressivo e instrumental.

<sup>16</sup> Aqui faço um jogo de palavras entre relação e ralação amorosa, no sentido de enfatizar o caráter trabalhoso do relacionamento amoroso. Utilizo, portanto, o sentido informal utilizado para a palavra ralação quando atribuída a trabalho.

O *Efeito Camille Claudel* é uma proposta de reflexão sobre alguns aspectos em que a manutenção das relações afetivas como atribuição feminina, em especial no casamento, tornam-se barreiras à ascensão profissional das mulheres. Ao ouvir as histórias de vida das pesquisadoras sobre como era difícil conciliar o relacionamento amoroso com a vida acadêmica, uma associação à história da escultora apresentada no filme chamado *Camille Claudel*, do diretor Bruno Nuytten, lançado em 1988.

Segundo essa versão cinematográfica, Camille teve tanto sua carreira impulsionada quanto obscurecida pelo romance que teve com o também escultor Rodin. Se ao lado dele ampliou as oportunidades de divulgação da sua obra, por estar ao seu lado pairava uma suspeita sobre sua autoria ou mesmo autenticidade de seu trabalho. A fim de viver seu amor, Camille seguiu a trajetória de Rodin, abdicando do que poderiam ser suas opções profissionais. Também é retratada uma relação entre os amantes de rivalidade e concorrência na disputa pelo reconhecimento no meio artístico. Assim, o *Efeito Camille Claudel* se desdobra em três principais aspectos: a) *carreiras encaixadas*; b) *ofuscamento das mulheres em função do gênero* e c) *relação de concorrência*.

O conceito de *carreiras encaixadas* refere-se a uma gama de escolhas profissionais tomadas em função da manutenção de um determinado relacionamento amoroso e/ou união familiar. Nos relatos, a maioria das pesquisadoras teve suas opções profissionais determinadas pelas escolhas profissionais dos parceiros e/ou maridos. Como se a carreira deles fosse a principal e a delas complementar ou secundária.

“Eu não teria conseguido conciliar meu casamento, meu marido e minha carreira. Eu conheço maridos que seguiram as esposas. Eu teria que fazer uma escolha: ou meu casamento ou minha carreira! No meu caso é isso mesmo. Neusa”

E ainda:

“Eu conheço mais de um caso, de pessoas que mudaram o jeito de gerenciar sua carreira porque ia terminar o casamento. Fez uma opção pelo casamento. É difícil de conciliar! Carreira acadêmica envolve viagens, envolve coisas que, às vezes, o casamento não está estruturado para apoiar isto. Neusa”



Como pontuado na fala de Elza, Neuza também se refere ao casamento e a carreira como escolhas excludentes. Ela, ao contrário de Elza, escolheu a carreira. Ela refere-se às trajetórias de algumas de suas colegas que tiveram que fazer a escolha e “optaram” pelo casamento em detrimento da carreira.

Doutorados inacabados porque o marido já havia conseguido um emprego no Brasil, não realização de concursos ou de parte da formação (doutorado, pós-doutorado) em outras cidades porque o parceiro já estava estabelecido, realização de doutorado no exterior em sub-áreas de acordo com a escolha do companheiro são alguns dos relatos sobre suas trajetórias profissionais em benefício da relação ou da família. A concepção de “carreiras encaixadas” trata de rupturas e adequações feitas na carreira de um(a) em benefício da união do casal e/ou familiar. São relatos de um percurso feito a fim de que o casal continue junto: com um(a) abrindo mão das suas melhores opções profissionais pelo(a) outro(a). Foram poucos os relatos em que o parceiro assumiu, ainda que por um determinado período de tempo, o ônus de ter uma carreira coadjuvante.

As *carreiras encaixadas* provocam uma série de atrasos e danos nas carreiras das entrevistadas: perda da possibilidade de obter um título de doutor em uma instituição de renome no exterior, adequação de temática sem que esta decisão tenha resultado de uma estratégia profissional, ruptura com colaboradores, desistência de melhores ofertas de trabalho, dentre tantas outras consequências que se somam. Decisões tomadas em função da manutenção da relação amorosa e/ou familiar que tornam mais árduo o trabalho de acumulação de capital científico<sup>17</sup> e, portanto, a obtenção de reconhecimento e prestígio acadêmico.

Outro aspecto do *Efeito Camille Claudel* é o ofuscamento do mérito das mulheres quando casadas com pesquisadores da mesma área de atuação. As realizações das mulheres são vistas com suspeitas quando em colaboração com pesquisadores do sexo masculino. Uma pesquisadora relatou que sempre que vai a Congressos e apresenta trabalhos com o seu colaborador, mesmo quando é primeira autora, as perguntas são frequentemente dirigidas a ele. Quando esse colaborador é seu marido, esta situação se agrava. E mesmo quando não é um coautor, propriamente dito, facilmente as realizações das esposas são atribuídas aos maridos.

---

<sup>17</sup> Bourdieu (1983) ao analisar o funcionamento do campo científico aponta para um tipo especial de capital social, o capital científico. Esse capital se refere a um tipo de “moeda” contabilizada para o acúmulo de reconhecimento científico, ou nas palavras de Bourdieu, o monopólio da autoridade científica.

O que importa mesmo é a qualidade daquilo que a gente faz, eu acho. No final das contas, pode todo mundo falar sobre mim como “aquela chata”, “ah porque não sei o que”, mas quando vai lá olhar meus trabalhos, quantas citações tenho, onde eu publico, o impacto que têm minhas publicações, vai falar o que? Eu tenho algum marido? Não. Porque isso é outra praga, tem muitos casais. Aí, por mais que as pessoas tenham uma carreira independente uma da outra, ninguém diz ‘aquele marido está vivendo às custas da fama da mulher’, sempre o contrário. Não é verdade, às vezes, mas é um fato, as pessoas não conseguem separar. Por isso, também não é bom ter sempre colaboração com a mesma pessoa. Neusa

Neusa atribui a incontestabilidade de seu mérito ao fato de não ser casada e relata sobre o funcionamento do ofuscamento das mulheres em função do mérito. Também comenta sobre a endogamia disciplinar – grande número de casamentos na mesma comunidade disciplinar – presente na comunidade da física.

Merton (1977) ao analisar a comunidade científica percebe que quanto mais prestígio um cientista possui mais fama lhe é concedida e quanto menos possui de reconhecimento mais lhe será retirado. Ele se inspira em um versículo de Mateus na Bíblia que afirma que quem mais tem, mais lhe será acrescentado e a quem menos tem, mais lhe será retirado. Assim, mesmo quando um pesquisador de renome não está diretamente envolvido em uma invenção, é provável que lhe seja atribuído o bônus do trabalho. Margaret Rossiter (1993) referindo-se à segunda parte do *Efeito Mateus*, afirma a existência do *Efeito Matilda*<sup>18</sup> onde os méritos das mulheres são atribuídos aos homens, ou seja, um sistema de desvantagens cumulativas específicas por serem mulheres. O segundo aspecto do *Efeito Camille Claudel* assemelha-se ao *Efeito Matilda* só que em relação ao casamento.

As mulheres em início da carreira, que se casam com pesquisadores seniores, são vistas como alpinistas (expressão utilizada pelas próprias entrevistadas) como se a união fosse uma tentativa de subir rapidamente na carreira. No entanto, conforme relata Ruth que é casada e colabora com um físico:

---

<sup>18</sup> Rossiter (1993) cita o próprio caso de Harriet Zuckerman, esposa de Merton, como exemplo. Zuckerman, socióloga e colaboradora de Merton, não alcançou uma parcela do reconhecimento dele. E por irônico que pareça, o Efeito Mateus foi baseado em sua pesquisa com ganhadores do Prêmio Nobel.

Sempre vêm os questionamentos pelo fato de eu ter trabalhado muitos anos com o Fulano, o Fulano é o meu grande coautor, a gente discute as coisas em casa, a gente discute as coisas aqui no trabalho, a gente divide orientação de aluno porque a gente trabalha no mesmo tema, por exemplo, uma pessoa em uma banca falou pra mim: o que você fez sem o Fulano? Este tipo de coisa me deixava doente. Ruth

Ruth conta ao longo de sua entrevista que é inegável que a união com um pesquisador sênior abriu portas em sua carreira, como por exemplo, o de realizar contatos importantes em âmbito internacional já no início da carreira. No entanto, ela afirma que é apresentada como “esposa” de fulano e não como pesquisadora. Os possíveis saltos na carreira por estar casada com alguém influente na comunidade também é o sobrepeso que dificulta sua subida.

Ao comentar sobre minha pesquisa com pesquisadoras de diversas áreas, sempre recebo mais relatos que somam ao trabalho de campo. Em um desses momentos, uma pesquisadora da área de ciências sociais revelou que quando fazia doutorado com o marido, os dois eram orientados pelo mesmo pesquisador, ela era apresentada pelo orientador como esposa de fulano e não como doutoranda ou sua orientanda.

A concorrência entre os casais e parceiros quando atuam na mesma área é outro aspecto do *Efeito Camille Claudel*. Maria José relatou que seu marido sempre oferece oportunidades de trabalho a colegas e não a ela que teria as mesmas condições para executar as atividades em questão. Ela também relatou que sempre ouve reclamações ao levar trabalho para casa ou quando deve trabalhar no final de semana. No entanto, quando ele está nas condições citadas, isso não é um problema. Esse depoimento é comum a outros: o da ausência de incentivo ou apoio à carreira.

Também ouvi relatos de mulheres que atribuem ao sucesso um dos principais fatores para o término de casamento ou de uma relação estável, como afirma Johanna:

Tanto assim que naqueles cinco anos, eu realmente dei uma brechada na carreira, mas não adiantou, eu já estava muito demais na frente dele”. Betina: “E a senhora fez de propósito?” Johanna: “a brechada foi absolutamente proposital, só que não adiantou, acabamos nos separando, eu gostava muito dele, sofri muito. E depois disso: aí foi, agora vai (risos), agora vai! Já que não deu certo, agora vou cuidar da carreira. Johanna

Johanna possui uma carreira reconhecida. Ela contou ao longo da entrevista que tributa o término do casamento, em parte, ao excesso de trabalho. Na fala anterior, ela assume ter dado uma desaceleração brusca na carreira para tentar dar continuidade a um relacionamento estável posterior ao seu casamento. Ela conta que o companheiro sofria visivelmente por estar em uma posição considerada de menor prestígio: não ser físico, não ter o doutorado, entre outros. O exemplo que ela descreveu foi o desconforto dele quando foi homenageada e chamada para ser paraninfa de uma turma. Conforme afirma, a estratégia de desaceleração da carreira não foi suficiente para garantir a continuidade da relação, ela acredita que por estar “demais” na frente dele, ou seja, havia uma hierarquia invertida: ela, ao invés dele, havia alcançado uma posição profissional de destaque. Segundo ela, a brecha não foi suficiente para promover uma mínima equiparação. Quando o relacionamento acabou, já não havia mais obstáculo para dedicar-se plenamente à carreira, ou seja, a manutenção da relação amorosa não era mais um empecilho.

## Breves conclusões

Apesar das novas ou renovadas formas de convivência<sup>19</sup> apontadas por Girona (2008) e da possível transformação em curso do amor romântico para o amor confluyente<sup>20</sup> segundo Giddens (1993), a manutenção da relação amorosa e o casamento ainda são inegáveis fardos carregados pelas pesquisadoras que entrevistei. A conciliação entre carreira e casamento, quando não tomada como impossível, torna suas trajetórias lentas e tortuosas e configura parte dos obstáculos presentes no que chamei de *Labirinto de Cristal*. Pode-se considerar que a feminização do amor e seu consequente *Efeito Camille Claudel* nas carreiras das mulheres, as transforma em meia-laranjas, não pela incompletude do outro idealizado e complementar, mas por estarem, com frequência, divididas entre a vida profissional e a vida amorosa.

---

<sup>19</sup> Girona aponta para algumas novas formas de convivência como as famílias de segundo casamento, a união estável, o “Living Apart Together”, famílias monoparentais e solteirice.

<sup>20</sup> O amor confluyente seria uma relação não baseada nos ideais do amor romântico de eternidade, complementariedade, não necessariamente monogâmico e que rompe com a heteronormatividade.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O Campo Científico*. In: ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.39
- CANCIAN, Francesca. The feminization of love. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. v. II, n.4, 1986, p. 693.
- GIDDENS, Anthony. *Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. v.37, n.132, pp. 595-609, set.-dez., 2007.
- LIMA, Betina Stefanello. *Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências*. 2008. 133 p . Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, 2008.
- MAC FARLANE, Allan. Love and Capitalism. In: *The culture of Capitalism*. Oxford: Basil Balckwell, 1987, pp. 123-143.
- MERTON, Robert K. El efecto Mateo em la ciência. In: *La sociologia de la ciência – Investigaciones teóricas y empíricas*. Madrid: Alianza Editorial, 1977. v.2.
- ROCA GIRONA, Jordi. Ni contigo ni sin ti: cambios y transformaciones en los roles de género y las formas de convivencia. In: *Sexualidad, género, cambio de roles y nuevos modelos de familia*. Elx, pp. 13-31. ISBN: 978-84-96297-88, 2008.
- ROSSITER, Margaret. The Matilda effect in science. *Social Studies of Science*. v. 23, n. 2 May 1993, p. 325-341.
- SCHIEBINGER, Londa. *O Feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.
- ZELIZER, Viviana. *La negociación de la intimidad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.